



O Gaiato

4 DE ABRIL DE 1970
ANO XXVII — N.º 680 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TEMPO PASCAL

para os homens. Ele é «o primogénito de toda a criatura» que veio dar sentido à vida de todo o homem que vem ao mundo: A vida é para a Vida. Para nós, mais do que para Ele. Porque Ele é essencialmente Vida. Ao homem a Vida não pertence por direito próprio. Foi a morte de Cristo segundo a natureza humana que lhe concedeu tal direito.

Deus amou de tal maneira os homens que não hesitou em dar-lhes o Seu Filho. Como não havemos nós de amar os homens?; o mundo que Deus nos deu, prodígio de sinais da Sua presença providencial, amorosa?; a vida, que uma vez temperada por Cristo, fermentada por Ele, é a rota da Vida?!

O Cristo histórico e a perenidade da Sua sedução, inconsumpta depois de vinte séculos, são convite à inteligência do homem e estímulo para que ele vá além dos factos em busca da profunda explicação de tão misteriosa presença. O mistério é este: Cristo foi, sim. Mas é e será sem fim! É e será connosco. Hoje como «naquele tempo», Ele «passa por entre os homens, fazendo o bem». Não O vemos, não O acotovelamos no meio da turba, mas Ele está. Podemos senti-LO. Aprende-se a senti-LO dos Homens de Fé, os vitoriosos do mundo na luta por ele, não contra ele.

Os Homens de Fé sabem a recta hierarquia da vida e da Vida. Amando a Vida, dão à vida o exacto valor — valor para gastar, valor para perder, se fôr tal o preço para ganhar a Vida.

Amando a Vida, amam a vida, como quem une no mesmo afecto o fim e o meio de o atingir. Distinguem, mas não decepam a unidade em que a morte é a transição feita por trevas entre o primeiro e o acto definitivo de todo o viver espiritual. Por isso nada é triste na vida enquanto conducente à Vida.

O Homem de Fé sabe que é assim. Experimenta-o na sua

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

A Vida é o tema. A Natureza colabora: É Primavera. Se o Natal muito nos diz à sensibilidade, a Páscoa é a Festa da Inteligência. Naquele, celebra-se o nascimento do Filho de Deus para uma vida condenada à morte. Nesta, é a Vida que ressurge vitoriosa sobre a morte, invencível para sempre. Assim com Cristo — assim

DOUTRINA

Numa família como a nossa não parece anormal que, vez por outra, haja pequenas desavenças entre os filhos. Porém, é raro, mesmo muito raro, haver zangas a sério em que tenhamos de intervir.

Ora hoje eu vi uma das tais com pancadaria. Vi e fiquei espantado não só pelo inédito como pela idade dos zaragateiros. Eram eles o Armindo e o Amândio que já têm entrado nas «Vistas» e são ainda da categoria dos «batatas».

De rastros, ao murro e pontapé, eles se mimoseavam reciprocamente perante uma razoável assistência com um pouco mais de idade que os vigiava e incitava ao mesmo tempo. Como as forças eram iguais, esperei pacificamente que aquilo acabasse sem ter que intervir.

A coisa só acabou quando o Amândio se deu por vencido. Verifiquei então não ter havido motivo para tal proceder. Aquilo era apenas uma demonstração a sério, uma imitação do «Santo» ou qualquer cowboiada que frequentemente se vê quer na T. V. quer nas centenas de publicações para a juventude que há por todos os cantos e também cá por Casa.

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

MALANJE

Era uma vez um homem que veio duma pequena aldeia. Botas grossas, chapéu preto; desembarcou em Luanda. Tomou o rumo do centro. Montou negócio. Ficou rico. E o coração ficou calhau... Como que toda a dureza de sua vida se concentrou ali. «Não há crianças abandonadas. Não há pobres. Não há problemas na vida dos outros». Só mais lucro. E mais dureza. Não conta a Eternidade. Os Nativos nasceram para o servir... São seres que rastejam e a quem ele pode pisar.

Vais num caminho torto, meu amigo. Abre os teus olhos. Abranda o teu coração.

Passei debaixo da sua janela, e antes que eu estendesse a mão, deixou cair uma migalha — para se libertar da minha presença incômoda.

Amigo, deitei a tua migalha

no moinho e a mó não a triturou.

Abre o teu coração.

O mundo só é belo quando nele acolhemos os outros.

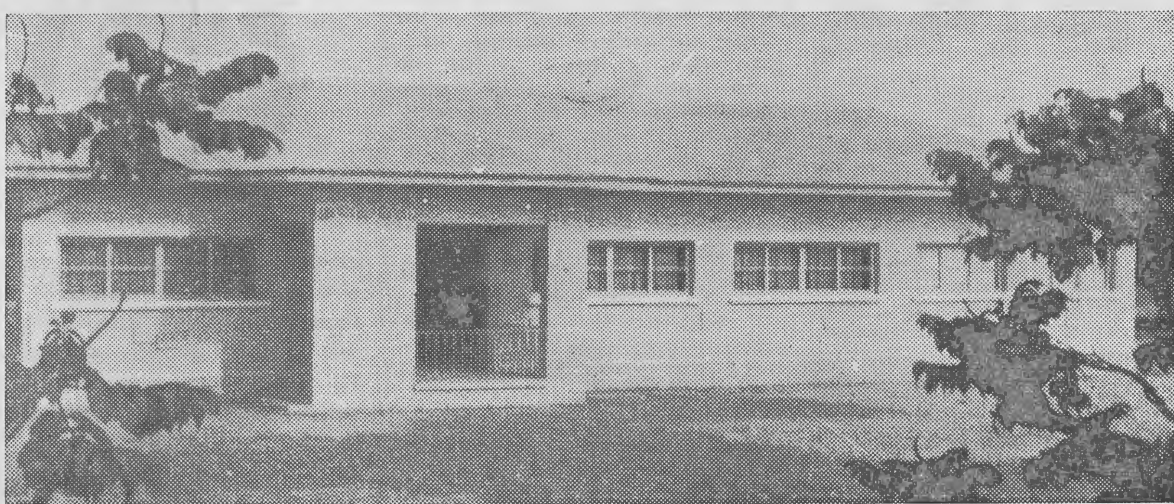
x x x

Fui a Maxinde na companhia do Pároco ver os três filhos daquelas tres «santas». Santas com muitos filhos doutros pais. Vidas gastas e tristes. Habitam Palhotas. Não têm o suficiente. Não conheço alavancas sócias capazes de as libertar.

Vou levar os três pequenos. Elas e os outros ficam.

Vou tapar três buracos em três palhotas sem tecto. Será no entanto, menos mal — onde não podemos pôr o remédio todo.

Padre Telmo



O BELO EDIFÍCIO DAS ESCOLAS DA NOSSA CASA DE BENGUELA.

TRIBUNA de Coimbra

Nunca como agora andámos atarefados com as obras do nosso Lar. Não há mãos a medir, nem momento a perder. A casa tem de estar pronta para ser benzida e ocupada no domingo de Bom Pastor — 12 de Abril — às quatro horas da tarde.

Em nosso auxílio têm vindo grupos de militares voluntários do RAL 2. Cada um tem feito o que sabe e o que pode. Que com a lição de boa vontade que nos vêm trazer, eles colham a lição da nossa heroicidade. Têm sido esforços conjugados a Bem da Nação.

As Senhoras continuam de facho aceso e temos tido presenças muito discretas e muito amigas. Voltamos ao tempo das cruzadas.

Convidamos todos os que se sentem da nossa grande família para nos juntarmos com nossos Bispos e Padres da Rua à volta do altar e com a Santa Missa darmos Graças a Deus. Caberemos todos em

casa e o lanche que as senhoras andam a preparar chegará. Se quiseres trazer o teu lanche familiar, será mais uma nota simpática de convívio.

Espero a presença dos quase cem rapazes que até hoje passaram pelo nosso Lar de Coimbra e que têm dado boa conta graças ao Senhor. Eles são um grande testemunho.

E assim todos convidados e todos entendidos, adeus até ao nosso encontro na tarde de

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

Olhava-se na esperança, e ainda tudo nos dizia que Páscoa vinha longe, porém o palco da alegria, já construído, era formado por um elenco, cujo labirinto de alegrias, fazia perderem-se, as pessoas de juízo. As festas ainda vêm longe, e já as crianças cantam e riem, fora de si.

Mas não só elas. A própria natureza também parece que ri. Os melros esvoaçam no céu, os pardais cantam o dia todo, aparentando tudo uma tal felicidade, que até a nós, mais velhos, afecta no íntimo. A Páscoa vem vindo sempre na cadência monótona do dia a dia. Passa. Mas a alegria continua...

É tão belo, mais tarde, vê-los aos grupinhos nos cantos, jogando o «par e pé» e ao «adivinha» naquele ritmo acelerado, enfeitado de garridas peripécias e depois a sólida amizade entre eles que permanece intacta ao desgaste do tempo. Podem eles andarem separados muito tempo ou seguirem linhas diferentes, mas a partir do momento em que se juntam são amigos. Esta é uma característica dos nossos pitizes: «o permanecer sempre ligados».

Porém a Páscoa vem felizmente para todos nós. As amemoas são distribuídas igualmente por todos, mas como sabem bem, há sempre quem as não conserve. Foi por isso que, no dia imediato à Páscoa, encontrei um batatinha a dizer aos outros: «Não há direito, vamos pedir bis para que se faça mais páscoas este ano».

x x x

FESTAS — O cântaro tanta vez vai à fonte que acaba por lá deixar a asa.

Isto diz o Zé povinho na sua simplicidade austera, e não se engana. Tanto se removeram as datas das nossas festas que acabaram por se aproximar da Páscoa. E assim 22 de Março lá foi a última. Os nossos actores adoçados pela alegria de terem sido bem sucedidos e pelo pensamento que os leva a aproximar da Páscoa, regressam a casa risonhos e cantarolantes; dormem até ao meio dia e quando acordam acompanha-os de novo a boa disposição e descontração suficiente para chegarem ao pé do colega e: «Ó manecas queres...», afia», deixando o outro em lamentações.

Rodrigues Raimundo

x

LAR DE COIMBRA

A benção e inauguração do novo Lar do Gaiato de Coimbra, está já marcada para o dia 12 de Abril.

Decerto que ao tomardes conhecimento desta nova, muitos de vós, em especial muitos coninbricenses por estarem mais perto de nós, não ficastes indiferentes. Concerteza que surgiu logo um certo entusiasmo, tendo alguns até, já pensado na possibilidade de estarem connosco nesse dia.

Pois bem. É também à volta do entusiasmo por esta mesma nova, reinante entre nós, os rapazes desta Casa, que me proponho a falar-vos um pouco.

Como é natural, há já algum tempo que temos conhecimento desta notícia.

De então para cá tem sido um laborar constante, tendo sómente um fim em vista: o de deixar a nova

casa, o mais completa possível até 12 de Abril.

É que apesar de não faltar muito, há ainda bastante que fazer. A não ser um trabalho ou outro mais importante, há ainda muitas coisas a fazer. E todas estas coisitas juntas, nos vão ocupar bastante tempo.

É claro, contamos com as férias da Páscoa, para darmos um arranque que poderá mesmo ser o arranque final para a meta.

Nesse período de tempo não haverá então mãos a medir. Temos todos os estudantes livres e então seremos mais a trabalhar. Se bem que alguns há já que tendo por vezes uma ou outra tarde livre de aulas, não deixam de dar o seu contributo de mão de obra.

Todos se têm esforçado e procuram esforçar, por darem o seu melhor. É natural que teremos de fazer sacrifícios, mas sabemos bem por quem os fazemos: por nós mesmos.

É pois neste clima de entusiasmo, esperança, alegria e trabalho, que vamos laborando, para mais tarde podermos colher os frutos que agora com a vossa ajuda vamos semeando.

Francisco José Henriques

x

Notícias da Conferência do Lar do Porto

Cá está o Zé a contar-vos tristezas da miséria...

Cada pobre que vou visitar, é mais um problema que temos para resolver. Além da Senhora Palmira, que tem seis filhos como vós já sabeis, temos o caso da Senhora Aida, que embora só tenha um filho, e já com desasseis anos, vai ser um caso bocado para se conseguir limpar aquele beco, porque é mesmo um beco sem saída. E ela deve entrar brevemente no hospital porque tem uma cirrose. O marido é muito surdo e às vezes a cabeça não regula muito bem, até já esteve internado. Estão a dar pelo quarto (se é que se pode chamar quarto àquela pocilga) 200\$00 por mês. E temos outra pobre na rua da Banharia, nas mesmas condições.

Que poucos escrupulos, que seres sem coração, são esses senhores!

Precisávamos de duas casas, onde estes infelizes pudessem viver com um pouco de conforto. Mas aonde as conseguir?...

Que Deus nos ajude e ilumine.. Desde o Natal poucos donativos tivemos e nós só podemos dar na medida em que recebemos. No mês de Fevereiro só recebemos um donativo de 20\$00 para a nossa conferência, donativo que não falta todos os meses.

«Em acção de graças aos Sagrados Corações de Jesus e Maria para que continue a guardar o meu filho como mo guardou no ultramar». Estas linhas acompanham sempre estes donativos.

Muito obrigado minha Senhora, e que Deus guarde o seu querido filho e o guie sempre para o caminho do bem.

Não se esqueçam, bons amigos, do pedido que fiz na minha primeira crónica. Aquelas crianças precisam de: cama, precisam de pão, e a mãe não tem para lhes dar tudo quanto eles precisam.

Nunca vos fará falta o que deres aqueles que nada têm.

Estava a terminar esta crónica quando recebi uma carta de S. Mamede de Infesta, oferecendo-nos um divã e logo em seguida um telefonema do Largo do Priorado de uma Senhora

que não quis dizer o seu nome: uma cama com colchão novo e alguma roupa.

Deus lhes pague bons amigos e os ajude para nos poderem ajudar a ajudarmos os nossos pobres.

Se Deus quiser na próxima já falarei dos arranjos da minha pobre. Espero já ter muitas graças para dar a Deus, e muito que agradecer aos nossos benfeitores.

José Maria Cunha

x

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

As migalhas continuam a surgir de todos os lados, graças a Deus.

Um rand, da África do Sul, pela mão de um casal, do voto da «Campanha de Assinaturas». Mais 10\$00, de Aida. E o dobro de Rio de Moinhos — Ribatejo. E 120\$00 da Horta, «2º semestre de 1969». Um subscritor de categoria! Murtal: «Do que sobrar, como fica aí à mão, o Júlio meta 100\$ no saco da Conferência...» Mais do Porto um excedente do pagamento da assinatura. E mais outro, da assinante 19034. E outro, de Gouveia. E mais 20\$00, de Lamego. O mesmo, da assinante 16585. Mais um subscritor e velho amigo com 60\$00 «para o 1º semestre de 1970». Ó simplicidade! Mais 50\$00 da Invicta. Mais 20\$00, idem, da assinante 16419. E outra migalha proveitosa, de Silvina.

JÚLIO MENDES

Tribuna de Coimbra

cont. da PRIMEIRA Página

12 de Abril no Lar do Gaiato de Coimbra — aos Loios.

x x x

Logo no dia seguinte, 13, nos encontraremos de novo no Teatro Avenida de Coimbra, com os amigos do Centro e depois com os de cada terra da nossa jornada: Figueira da Foz, Leiria, Tomar, Cantanhede, Castelo Branco, Fundão, Covilhã, Pombal, Lousã e esperamos acabar em Coimbra.

Enquanto em Coimbra as obras nos trazem atarefados, em Miranda do Corvo não se anda menos preocupado com os ensaios para as festas. São todas as noites até às tantas! E o programa vai ser um sucesso! Se por tua culpa não tomares parte, vais ficar muito arrependido.

Padre Horácio

AGORA

A alegria Pascal sempre será proporcionada à penitência da preparação. A Ressurreição não seria o máximo esplendor da Vida, se não fora previamente a morte. Para o homem o contraste é necessário. O sabor depende do tempêro e este, de si mesmo, é por demais pronunciado, para, em si mesmo, agradar. A consolação do Amor é fruto do amor-sacrifício. Colhe quem semeou. Recolhe quem deu.

Por isso estas colunas são cortejo de alegria, de consolação, de vitória porque **precisam** de penitência, obra do Amor no coração dos homens, que «o deixam rasgar em vez de rasgarem suas vestes», para que, mediante algum sacrifício, seus Irmãos possam viver menos sacrificados. «Em humildade e contrição» seguem os que nela se incorporam. Por isso mesmo em exultação a revivem quando a revêem **agora**.

Casas por inteiro: Quatro. Uma do Dundo, a cheirar, não aos diamantes que a terra dá e a Empresa vende; mas a corações diamantinos que por lá vivem, vitoriosos sobre a tentação de se tornarem em pedra — que outra mais dura que o diamante, não a há.

Outra da Rua Duque de

Loulé, na Capital. Outra entregue no nosso Lar de Lisboa, no sábado anterior ao Natal. A última da Rua do Bonfim do Porto, com muita beleza na intenção e muita delicadeza no dar.

Passemos aos **Pessoais**. Nada de novo. Felizmente os da HICA não se derreteram na fusão. Quem dera aglutinassem os das outras ex-Companhias autónomas! Temos, pois, este Pessoal com 2080\$00, isto de 1969, mais 5704\$70 já neste ano. O que não apareceu foi a costumada achega da Administração que, desde o princípio, semestralmente, igualava a contribuição no mesmo período, dos seus funcionários. Aqui fica o **alerta** a ver se não se perde no colosso resultante este carácter individual, tão simpático e abençoado, da ex-HICA.

Pessoal do Grémio da Panificação do Porto com quatro presenças que somam 580\$00. O da Caixa Textil 903\$00 relativos a Novembro, Dezembro e Janeiro passado. Mais 1854\$, «nesta quadra (Natal), lamentando ser tão pequena em relação ao muito que gostariam de oferecer».

Vêm agora os **Avulsos**: Cem,

de Ois da Ribeira; idem, da R. José Estevão — Lisboa. Vinte por alma de Maria Augusta. Outra vez cem do assinante 26543. Dois mil e quinhentos de uma Professora; e que «Deus me ajude a pagar-LHE assim, naqueles que são a Sua imagem, o muito que Ele me tem dado». Vinte da Rua Monte da Bela. O mesmo «para o que fôr mais necessário». Mil da Ajuda — Lisboa; idem de uma Assinante do Seixal, «do aumento que teve». Outro «primeiro aumento»: 200\$00. Cincoenta da Rua Alexandre Herculano — Lisboa. Vinte da Mãe do Rui. Cem de Júlia Hilda. Dez vezes mais de «uma família que admira, a vossa Obra». Cincoenta, de um Américo, de Espinho. E 9.202\$40 retirados em 22 de Janeiro passado do mealheiro do Teatro Sá da Bandeira.

Para não alargarmos demasiado, vamos dar a palavra **só aos vários que contribuem para a mesma casa**. São só dois: O Licenciado do costume («Clamor no deserto» — escreve ele) para a Casa dos ditos. Nem parecemos terra de doutores! E uma Fernanda de Setúbal, também velha conhecida, com 240\$00 para a Casa de N. S. do Carmo.

Cont. da PRIMEIRA página

Pela idade dos contendores não me parece que fosse na TV, pois só lá vão aos programas infantis e julgo que nestes não se mete daquilo. Também não sabem ler, mas vêem as histórias aos quadradinhos e a imagem visível é captada com avidez pela sua imaginação grandemente fantasiosa, sem que possa ainda discernir entre o que é bom e mau.

Donde, pois, captam eles estas coisas, não sei.

Sei, sim que toda esta pressão de violência, morte, depravação, roubo, aventura que se respira e vê por todo o lado e por todas as formas de divulgação, não poupa os mais avisados nem os mais maduros e que para tudo isto não surgiu ainda solução. Não porque se não tenha estudado em profundidade o problema, nem por se não ter escrito sobre o assunto. Recordo, por exemplo, a reunião extraordinária da «Associação Mundial dos Amigos das Crianças» que se realizou em Monte Carlo em 1968 e na qual ilustres sociólogos, pedagogos, pediatras, psicólogos, psiquiatras e educadores se debruçaram exaustivamente sobre o complexo problema das influ-

DOCTRINA

ências dos meios audio-visuais na infância.

Nela se pediu aos governos de todos os países que, para além da boa vontade em limpar estes meios de todas as cenas de «depravação, de violência, de imoralidade social», lhes competia também fixarem leis rigorosas contra os «produtores ignorantes e movidos exclusivamente por fins comerciais» que estão a «exercer na formação do carácter de milhões de crianças» uma pernicioso influência.

Também recordei artigos e livros sobre estes assuntos e está bem viva na minha memória a palavra de alguém, alertando a consciência dos homens para esta realidade vivida pelas crianças dos nossos dias: «As crianças de hoje aprendem a matar antes de aprenderem a ler».

Porém, estas verdades que

ninguém nega, tal a evidência, não encontraram ainda por parte dos governos ou das instituições ou das famílias uma preocupação eficiente que os levasse a unir-se em campanha aberta contra esta corrupção e deformação da personalidade dos homens de amanhã. É verdade que se tem feito alguma coisa para se debelar este mal, mas também é verdade que são tentativas isoladas e muito tímidas em relação à gravidade dos problemas.

x x x

Perto da Tipografia um pequeno grupo de visitantes vêem o António Angolano e chamam-no.

Trocaram umas palavras e oferecem-lhe umas moedas.

Com um sorriso delicado o rapaz agradece mas não aceita. As pessoas insistem para que

ele as receba, mas ele resiste. Voltam a insistir e, o sorriso do rapaz vai-se apagando.

Tanto teimaram que o rapaz, já sem sorrir, acaba por aceitar.

Observava esta cena, muito frequente cá em casa, e entrei nas oficinas a pensar no quanto, a melhor das intenções das pessoas, ferem a dignidade dos rapazes.

Momentos depois o rapaz fez-me entrega das moedas recebidas à força.

Olhei-o bem! O seu ar conpungido me dizia da humilhação sofrida. Estava triste e eu ainda mais; não só por ele como pela boa intenção das pessoas.

Ainda a pensar nisto e em como havia de tentar explicar aos amigos que nos visitam que os rapazes não são pedintes, vejo outro grupo a sacar de porta-moedas e dar tostões ao Manuel Songa, um deficiente mental que a Assistência de Angola nos mandou na esperança de lhe arranjar-mos estabelecimento adequado... em vão. Ele na sua simplicidade estendia a mão às pessoas para as cumprimentar, não para pedir, como elas interpretaram o seu gesto.

Não me contive e pedi às pessoas que não dessem dinheiro ao rapaz.

Como resposta ao pedido recebi um «que não fazia mal».

Ora aqui é que está o equívoco das pessoas.

Faz sempre mal dar esmola a crianças e mais mal ainda quando elas, já tiradas da sua vivência infra-humana, foram colocados numa estrutura humana a que sempre tiveram direito. A personalidade que o rapaz vai conquistando através da nossa vida familiar onde, «vale mais a alma que o corpo», «a justiça é a primeira arma de combate aos vícios», às quedas e más inclinações, a par da vida do trabalho», onde, «cada rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por elas», e «se dê ao Rapaz o sabor de comer a pão, em nossas Casas, com o suor do seu rosto... e não se lhe falte com o salário justo» com que Pai Américo traçou as linhas da construção do futuro homem que será o rapaz de hoje, é fortemente abalado pelos traumatismos provocados por estes «não faz mal» bem intencionados, mas mal consciencializados. Muita deformação da caridade que, em tempos passados, poderia ter sido tolerada, hoje deve ser actualizada de forma a ajudar à elevação humana dos que precisam sem amesquinhar sua dignidade de Pessoa, evitando: uns colocarem-se na posição de benfeitores e outros na dependência de assistidos. Aqui é que se encontra a verdadeira prática da CARIDADE.

Padre Abraão

Visado pela

Comissão de Censura

CAMPAINHA DE ASSINATURAS

Queríamos ter tempo! Com as Festas não existem horas vagas. É um mundo de trabalho e trabalhos.

Queríamos ter espaço! Não chegava outro «Famoso» — só para a «Campanha». Tanta matéria válida, oportuníssima de devotos da primeira linha! Paciência.

Até num respigar a jacto, sem preocupações de coordenação, é tão forte a luz, que mesmo corações de pedra se transformariam em hossanas ao Pai do Céu, que produz nos homens maravilhas sem conta, por esse mundo além.

Do Minho ao Algarve, de Angola a Moçambique, da África do Sul à América do Norte, da França à Alemanha é um exército aguerrido, pujante de Vida! Por armas — a Cruz. Por archote — a Paz. Exército pacífico, num mundo convulso, mas sedento de Amor.

O monte de correspondência, a variedade de tons, cambiantes próprios da disposição d'alma de todos e cada um, são quadro difícil senão impossível de descrever — quanto mais de comentar! E daí, como é óbvio, nada como dar à estampa — e na íntegra — o fogo que lavra no coração dos nossos correspondentes — os verdadeiros obreiros da «Campanha».

Ora ouçam:

«Pertenco ao número daqueles que se congratulam com o êxito alcançado na Campanha de promover novos assinantes de «O Gaiato».

«É certo que pouco posso fazer nesta Campanha, tão proveitosa e útil.

«Apesar de tudo, consegui umas poucas assinaturas e sem me preocupar com impressos ou listas; fujo um pouco à organização e uso este processo directo (uma carta), na certeza de ser de igual modo proveitoso.

«A lista segue junto a esta e pela cobrança dos mesmos fico eu responsável.

«Em determinada altura conforme, (não já) mais um pouco adiante, para que a leitura do Jornal comece a criar estímulo e interesse, eu procederei à recolha da importância referida a cada assinante e depois remeterei directamente para o Jornal.

«Creio que este processo evita massadas e atrasos, ou até por vezes grandes descuidos!

«Eu concordo plenamente com a decisão tomada: assinantes que durante mais de dois anos recebem o Jornal e não satisfazem a assinatura, e nem sequer se manifestam, creio que são apenas um encargo, uma vela a mais; estou mesmo certa que o Jornal só serve para papel de embrulho, ou pôr no cesto do lixo.

«Faço votos para que Deus Nosso Senhor e Pai continue a proteger a Obra e a dar aos seus continuadores muita fé e coragem, para tomarem sobre os seus frágeis ombros humanos, tão pesado encargo, preocupações, canseiras, angústias e responsabilidades.

«Recomendo a intervenção de V. sobre a assinatura de F., que acolheu o meu pedido com o maior interesse e boa vontade!

«Talvez esta assinatura vos traga novos assinantes.

«Eu não quero ficar por aqui. Vou tentar de seguida conseguir mais alguns assinantes.

«Não tenho só em vista a parte material; mas, sim, contribuir para que a Obra seja mais conhecida em profundidade.

«Desculpe esta longa carta, própria do meu temperamento franco e espontâneo.»

Fiquemos por aqui. E demos graças a Deus, pois já dobrámos o primeiro milheiro de novos assinantes. E há-de ser mais e mais! Com este ímpeto não tardaremos, com certeza, ao segundo milheiro. Está nas mãos do Altíssimo. E nas vossas mãos também. Em frente! Um abraço em Cristo do

Júlio Mendes

TEMPO PASCAL

Cont. da PRIMEIRA página

carne. Irradia o que lhe é evidente sobre uma Humanidade em transe de dúvida, em ansia de certeza, sedenta de Paz.

Por isso o Homem de Fé é um sedutor: Como Cristo, com Cristo! O Homem de Fé faz coisas que o transcendem e à frágil natureza humana: Por Cristo, em Cristo! A sua vida é um mistério e uma revelação. Mistério que atrai os inquietos; revelação que ilumina os esfo-meados de Fé, de Paz. Mais do que crer, importa querer. É a partir da vida (incluída a contradição) que se descobre e se alcança a Vida. Quantos gentios não continuam subindo a Jerusalém (hoje, como «naquele

tempo») em busca de um Discípulo que lhes mostre Jesus. Felizes os que O dão a conhecer! Por palavras?... Por actividades?... Pela vida, sobretudo, por uma vida que seja transparência da Vida. Que o procure ser; que aceite sê-lo até em seus rasgões, suas misérias — buracos por onde os homens podem espreitar Jesus, através da pobreza de outros homens, sem nada, mas ricos de Fé.

Pai Américo, tu que foste mestre na alegria de viver e descobriste a fonte dela na riqueza de toda a Pobreza autêntica, pede que a nossa Fé nunca vacile e um só desejo nos consuma: revelar, como Deus nos der, o Filho que Ele nos dá.



FESTAS

EM ABRIL

DIA 13

às 21,30 h.

Teatro Avenida - COIMBRA

DIA 15

às 21,30 h.

Casino da Figueira da Foz

DIA 17

às 21,30 h.

Teatro Lúcio da Silva
LEIRIA

DIA 20

às 21,30 h.

Cine Teatro de Tomar

DIA 25

às 21,30 h.

No Salão dos Bombeiros
Cantanhede

EM MAIO

DIA 2

às 21,30 h.

Teatro Cine Pombal

DIA 9

às 21,30 h.

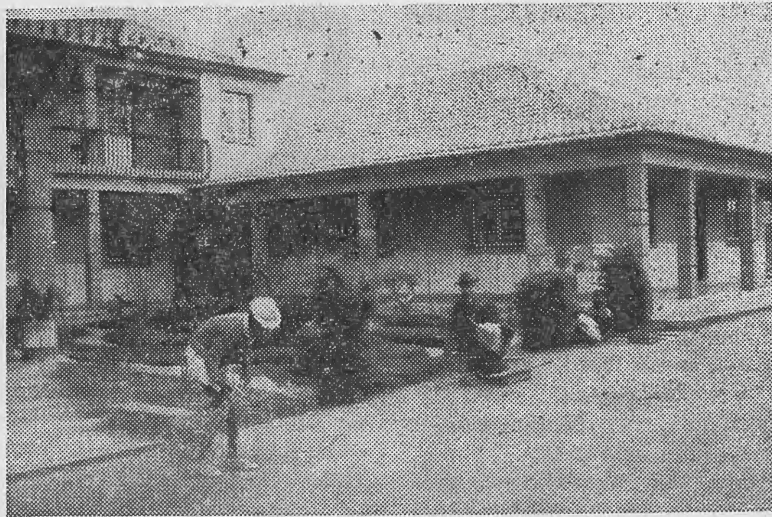
Império Cine Teatro
Lousã



Ovos mais ovos — a gordura. Tem sido uma farturinha. Temos não sei quantas galinhas de raça a pôrem, diàriamente, a média de 170 ovos. O gosto delas pôrem dá-nos o gosto de nos alimentarmos melhor.

X X X

Oficinas — Ontem veio o Carlos Alberto chamar-me para ir ao telefone. Era uma fábrica de Palmela a dizer para ir tirar medidas. Fiquei radiante por ter muito que fazer e por aparecer mais. Os Rapazes querem ter sempre muito que fazer. Quando lhes digo e lhes falo das contas, eles vivem o que eu vivo. Eles querem ajudar. Ajuda tu também, dando e chamando por quem nos dê trabalho.



UMA PERSPECTIVA DA CASA-MÃE DE MALANJE.

XXX

Periquito fugiu. Tem 18 anos. Veio para nós era muito pequenino. Na oficina andava bem. Apeteceu-lhe fugir outra vez. Ninguém sabe o que nos custa

ver fugido um rapaz assim. Ele é nosso e nós queremos-lo, custe o que custar. Vamos por ele, como o pai que procura o filho. Nós somos a sua família.

Ernesto Pinto

Iris dum Símbolo

Quando ao pé dum cruzeiro de granito
Eu me inclino, absorto em oração,
De joelhos na pedra fria e dura,
Parte do mundo vejo: o Infinito
Toca-me de mansinho o coração
E aumenta em mim um sonho de Ventura,
Pró qual a Natureza,
Tão cheia de esplendor,
Não tem onde colher tanta beleza
Nem onde desbravar tão puro amor.

... Dentro desse cruzeiro solitário,
Inútil e despido de grandezas,
De mundanal, em tudo entristecido...,
Ali, Cristo agoniza no Calvário.
E — vêde ó corações! — pelas fraquezas
Que temos nós na Terra introduzido.
E chora!... E o seu braço,
Chagado por cavilha,
Estende-se, infinito pelo espaço,
Perdoando a quem este mundo trilha...

E Cristo fala através do cruzeiro!
(Algo em minh'alma faz doce ruído
Como o jorrar da água fresca e pura!)
Mas, submisso, parece o mundo inteiro
Cansado artista há muito adormecido
Em sono leve que bem pouco dura...
Pois que ficou a Vida,
Assente por Alguém,
Como preparação para a partida
Dos peregrinos que somos do Além.

E esse brutal, alheio, estéril monte,
— Onde nem ave voa ou rodopia
Seca folha no chão (tal a rudeza!)
Nem fera dorme ou rumoreja fonte,
Nem, quando em trevas, feio mocho pia —
No silêncio total da Natureza,
É velha catedral
Em terra de ninguém,
A qual me leva, em sonho magistral,
A Nazaré, Sicar, Jerusalém...

Acho-me ali passando alguns momentos,
Melancólico, de bons desejos cheio,
Revedo anos, purificando a vida.
Ali vou dando aso a pensamentos
Tão contrários à carne, que são meio
Para curar a própria alma ferida.
Por isso, ó Cruz bendita,
Ó Cruz do meu Senhor,
Desce-me d'Ele a benção infinita
Que a Ele eleva o homem pecador.

Santos Silva

Poucos como «O Gaiato» têm declarado guerra aberta às barracas, às furnas e aos alojamentos (?) insalubres e impróprios que se enxergam por toda a parte. Poucos como Pai Américo se bateram com tanto denodo e entusiasmo pela promoção duma habitação capaz e acolhedora em favor de todos os homens. Os milhares de casas construídas por todo o País em favor dos Irmãos sem meios de qualquer espécie, os pequenos auxílios dados àqueles que aspiram ter o seu lar em condições de dignidade, o estender de mão a movimentos de auto-construção ou similares, as iniciativas e diligências feitas junto das Autoridades regionais ou nacionais, atestam à sociedade do interesse da Obra por problemas tão candentes e de que o velho rifão latino «non verba sed acta» tem pleno cabimento na nossa, embora humilde, linha de acção.

Escrevemos estas palavras sob o influxo das declarações prestadas pelo novo Presidente da Câmara de Lisboa, em que se antevê o propósito de «fazer desaparecer da nossa cidade essa nódoa» das barracas e instalações do mesmo tipo. Não desconhecemos as dificuldades de vários ordens a enfrentar, mas ai dos Homens que desanimam ou se demitem das suas responsabilidades pelo facto dos problemas a resolver serem

Aqui Lisboa

difíceis! Aqui se dá parte, à laia de apontamento, da nossa esperança, que queremos sempre renovada, apesar da tentação do desespero que às vezes nos invade, de ver solucionada tão angustiosa questão, sem esquecer, todavia, que não basta curar mas é preciso prevenir a «doença» como em qualquer racional plano de profilaxia. Que a era de 70 seja a do extermínio das barracas e equivalentes, não só em Lisboa mas em todo o País, para que todos possamos ser mais Homens, eis os votos que formulamos do fundo da alma.

X X X

Zé Pedro é um pequeno angolano, nosso há quase quatro anos. Feições correctas, olhos muito vivos e meigos, destacando-se no fundo preto da pele, apresenta uma sensibilidade muito apurada. Hoje, pouco antes de celebrarmos a Missa, tivemos conhecimento que

começou a tremer que nem varas verdes e a chorar pelo facto de a Senhora o haver mandado limpar o pó do «Senhor dos Passos» existente na nossa Igreja. O que é facto é que durante a celebração demos, vezes sem conta, com o nosso olhar preso à imagem que tanto medo havia metido ao nosso Rapaz... Perguntámos-lhe depois qual o motivo da sua reacção. Recebemos a resposta: «Porque o Cristo tem uma cara muito séria». Sorrimos ante a explicação dada pela inocência deste nosso Filho, mas rapidamente mudámos de tom. O nosso pensamento foi mais longe. Quantas vezes a «cara» de Cristo nos tem causado medo e contrariedade porque nos admoesta ou pede de nós seriedade? Em quantas ocasiões o nosso procedimento ou o nosso egoísmo nos têm feito temer o «olhar» de Jesus, manso e misericordioso, mas exigente e sério? E não é a seriedade de Cristo que nos fez tantas vezes tremer e desertar? Queremos tantas vezes um Cristo sem cruz, um Messias à nossa maneira, em ordem à satisfação dos nossos caprichos e vaidadezinhas! E como são inúmeras as ocasiões em que desconhecemos ou ultrajamos a «cara muito séria» de Cristo nas pessoas dos nossos Irmãos!

Padre Lufs



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE